

Os *Annales* e a História ambiental: das ruas de Paris à História Nova

Eduardo Giavara¹

Resumo: É notória nas pesquisas históricas a ascensão da História Ambiental, cujas origens estão fundadas na crise ambiental, que se instala na década de 1970. Mais recentemente o escopo dessa área do conhecimento tem se alastrado para várias outras, contudo os problemas estão muito mais complexos e especialistas, intelectuais, políticos e pessoas comuns tem se debruçado na busca de soluções. Também é inegável que as reflexões e pesquisas que a História Ambiental tem feito são de uma conotação moral diante da crise. A história ambiental ou a história do homem e sua relação com o meio sempre esteve presente na escrita da história. Esse artigo visa fazer uma análise dos *Annales*, enfocando sua inserção no debate histórico e como a escola articulou os temas história e natureza. Criticada por alguns e elogiada por outros a Revista marcou época e proporcionou a inserção da escola francesa no debate contemporâneo da crise ambiental.

Palavras-chave: História ambiental. *Annales*. Historiografia. Nova História.

Abstract: Since the beginnings of the 1970's the theme of Environmental History has progressed to the forefront of historical research, the catalyst for this emergence is likely to have stemmed from global awareness of environmental instability. Contemporary perceptions to dealing with environmental issues require a much larger multidisciplinary skill set, these skill include specialists, diplomats, scientist, intellectuals, politicians and lay people to seek solutions. It is also evident that debate and research often evokes strong moral dilemmas in the face of an environmental crisis as Environmental History can foresee predictable scenarios and outcomes unfolding before us. The history of man and his relationship with the environment has often been present in the writings of history. Thus, this article aims to analyze the *Annales*, focusing not only on their integration into historical debate by way of historiography, but also how they synthesized historical patterns. Criticized by some, praised by others the journal marks a period in time that was then the contemporary discussions of the environmental crisis.

Keywords: Environmental History. *Annales*. Historiography. New History.

¹ Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e Professor da Universidade Federal de Uberlândia, Campus de Ituiutaba, MG.

Quando começaram a aparecer nos encontros de historiadores os primeiros Grupos de Trabalho preocupados com a relação entre homem e natureza, o fato causou muito espanto, pois acreditavam ser um modismo, uma tendência pós-moderna etc. Porém, esses historiadores tentavam responder a uma crescente demanda pelas questões ambientais, pontuá-las dentro do conhecimento histórico e promover a verticalização do debate. Usualmente tem se conferido a essas pesquisas a classificação de “história ambiental”, terminologia refutada por alguns, aceita por outros. Mas o que tem sido concreto é o espaço conquistado por essas pesquisas, proporcionado um amplo debate sobre a produção do conhecimento e suas imbricações com temáticas como natureza, ecologia, meio ambiente, etc.

Quase que inevitável é a presença da historiografia ambiental americana, cujo pioneirismo de Roderick Nash na criação do primeiro curso de história ambiental, em 1972, na Universidade da Califórnia, segundo Pádua, garantiu condições para a formação de uma geração de historiadores preocupados com as temáticas ambientais, ecológicas, etc. Também não podemos desprezar a participação dos franceses na temática, em especial, a do historiador Emmanuel Le Roy Ladurie. Na mesma medida tem se organizado importantes associações e revistas em torno do tema: na América, a *American Society for Environmental History* e *Sociedad Latino Americana y Caribeña de Historia Ambiental*, desem-

penham o papel importante de congregar essas pesquisas; e na Europa a *European Society for Environmental History* tem trabalho similar. Ainda se soma a esse esforço várias revistas especializadas de História que tem devotado especial atenção na formação de dossiês que possam responder às demandas das pesquisas.

É inegável que, nas últimas quatro décadas, a demanda ambiental/ecológica tem impulsionado os estudos de história ambiental, muito dos apresentados tratam de problemas que povoam o noticiário, assim, aparentemente as pesquisas parecem viver desse imediatismo. Segundo Pádua, essa situação tem provocado uma possível “politização da pesquisa, ajudando a promover uma confusão espúria entre história ambiental e ambientalismo”.²

Apesar dos problemas que permeiam o campo da História Ambiental e suas fronteiras é evidente que nos últimos anos o volume de pesquisas, simpósios, revistas especializadas e o trabalho do “Historiador Ambiental” tem demonstrado a consistência e a vitalidade nos trabalhos acerca da temática. Mas na contramão o campo teórico metodológico tem suscitado várias discussões e dúvidas quanto ao rigor das pesquisas e do *corpus* documental que se tem utilizado nos trabalhos. Muitas vezes ainda cabe aos historiadores lidar com o rótulo de modismo ou de uma história desengajada das fileiras ideológicas da história.

² PADUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*. São Paulo: n. 24 (68), 2010, p. 81.

Diante do apresentado, este artigo propõe uma reflexão em torno da gênese da História Ambiental, circunscrita no interior dos *Annales*, e como a revista dialoga com o conhecimento científico e com as mudanças propostas pela História Nova, na década de 1970.

Entendo que o momento histórico é de profundas mudanças no mundo, mas parto da premissa que os processos desencadeados pelos movimentos de *Maião de 68* e a *Crise da OPEP* são significativos, pois colaboram para o reposicionamento do discurso dos *Annales*, no interior de uma nova realidade que colocava fim nas trincheiras acadêmicas e nas “certezas ideológicas”, configurando uma nova conjuntura política que afetou o conhecimento histórico.

Um cenário de transformação

O final da Segunda Guerra Mundial proporcionou o nascimento de um novo horizonte nas Relações Internacionais - a polarização entre capitalistas e comunistas - e conduziu o mundo a profundas transformações econômicas e sociais. Também é notório que o elemento chave desse momento foi o processo de reconstrução, estimulado por recursos financeiros dos Estados Unidos, que permitiu aproximadamente três décadas de prosperidade no mundo todo e cujos efeitos foram sentidos com maior intensidade nos países da Europa e naqueles que caminhavam a passos largos para o desenvolvimento, em especial o Japão.

O período ficou conhecido como “anos dourados” da economia européia, uma vez que permitiu um maciço crescimento urbano e populacional, demandando a ampliação e a melhoria da oferta de serviços públicos essenciais. De um modo geral, a modernização das cidades européias se concentrou no alargamento da infraestrutura urbana, criação de escolas, hospitais, ferrovias, estradas, etc.

O ritmo de crescimento também levou os europeus a almejem padrões de consumo semelhantes aos padrões americanos. Desse modo, carros, televisores, aparelhos eletrodomésticos e tantas outras novidades do mundo moderno passaram a fazer parte do cotidiano de milhões de famílias na Europa. Mas, atrás disso, se escondiam problemas como a poluição e os limites dos recursos energéticos e do meio ambiente.

Segundo Hobsbawm, a sociedade “motorizada” que começou a se desenhar nos países desenvolvidos foi estimulada pelo aumento real de renda dos trabalhadores, fruto do incremento da produção industrial e dos baixos preços do barril de petróleo, aproximadamente de US\$ 2,50 entre as décadas de 1950 e 1960.

Céticos e defensores do desenvolvimento não acreditavam que os recursos energéticos poderiam ser findáveis, achavam que o próprio desenvolvimento tecnológico daria conta de resolver os problemas dos limites ambientais do planeta. Em poucos anos o que se viu foi a degradação dos espaços urbanos, com congestionamentos intermináveis, poluição de rios, desmatamentos, chuvas ácidas, etc.

Além da anunciada crise ambiental, a década de 1970 contou com o aumento bélico no Oriente Médio, ponto alto do conflito foi a Guerra do *Yom Kippur*, que fez com que os países produtores de petróleo (OPEP) aumentassem de forma significativa os preços, chegando a custar US\$ 79,00, ao final da década. Organismos internacionais prevendo a crise que se apresentava, produziram relatórios alertando sobre a necessidade de se reduzir o consumo energético para que o mundo não entrasse em colapso. O evento tornou-se golpe decisivo sobre a economia capitalista.

A busca pela modernização não ficou restrita ao plano econômico, abrangendo também as relações sociais, pois a grande massa de habitantes cobrava por espaços nessa nova ordem social. A parcela mais ativa nesse momento foi sem dúvida a juventude que, organizada no movimento estudantil, reivindicava melhores condições acadêmicas e de trabalho.

Na França, epicentro das manifestações estudantis, o sistema universitário passaria por um processo de expansão sem precedentes. No final da Segunda Guerra Mundial havia 100 mil jovens nas universidades francesas, em pouco mais de 30 anos esse número saltou para 650 mil e a “consequência mais imediata e direta foi uma inevitável tensão entre essa massa de estudantes, despejada nas universidades, e as instituições que não estavam física, organizacional e intelec-

tualmente preparadas para tal influxo”.³

No dia 6 de maio de 1968, as ruas de Paris foram tomadas por estudantes que protestavam contra o fechamento da Universidade de Sorbonne, os protestos de rua já não eram exclusividade francesa e, em vários locais do mundo, jovens se mobilizavam e pediam reformas que pudessem proporcionar o alargamento dos espaços sociais nas decisões políticas e econômicas. O movimento foi além da mobilização universitária, houve a convocação da massa trabalhadora francesa a se mobilizar em torno da greve, projetando, nesse momento, antigas reivindicações de melhoria salarial e condições de trabalho.

Das ruas de Paris à História Nova

No horizonte das transformações que ocorriam pelo mundo, os historiadores não foram passivos e a criação de revistas ou a reformulação dos quadros de editores, sinalizavam esse período de mudança. Na França os *Annales* propuseram a reformulação de sua revista e, ainda que sustentados pelos princípios formadores da década de 1930, houve a clara intenção de aprofundamento do diálogo com outras áreas de conhecimento.

Maio de 1968 sinalizou para os *Annales* a necessidade de reformulação dos princípios metodológicos, do conhecimento histórico e das bases em que estavam assentadas a disciplina. Assim era

³ HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo. Cia. das Letras, 1995. p. 295.

preciso “decifrar os efeitos do movimento de maio de 1968 numa disciplina como a história”.⁴ Segundo Dosse, os Annales, pela sua tradição crítica em momentos adversos, teriam condições de repensar os pressupostos epistemológicos do conhecimento histórico. Também caberia nesse momento ao historiador se engajar nas mudanças que afetavam a sociedade.

Desta forma, os debates não propunham outra história, contudo era preciso conferir transversalidade ao conhecimento histórico através da ampliação do diálogo com outras ciências, conferindo ao conhecimento condições para a superação do estancamento entre passado e presente e para trabalhar com múltiplas temporalidades.⁵

No mês em que explodiram as manifestações nas ruas de Paris, havia a mobilização em torno do ensino de História e Geografia. Jean Tricart contestava o conteúdo enciclopédico das disciplinas escolares, depósito de datas, honrarias, comemorações, etc., era preciso um ensino que pudesse ampliar a visão histórica e suas relações com o espaço e o tempo.⁶

Ainda como símbolo das manifestações dos tempos de mudança, o texto introdutório da obra *A História Nova*, de Jacques Le Goff, preconiza um novo momento para o conhecimento histórico, mesmo com as velhas continuidades, da década de 1930, ainda deveria exis-

tir fôlego ao historiador para ampliar seu escopo teórico e metodológico. No mesmo texto ressalta também o papel afirmativo que as ciências têm desempenhado no campo acadêmico; num segundo momento acrescenta que há uma renovação dos conhecimentos científicos tradicionais e, por fim, o fortalecimento da interdisciplinaridade como ponto de nascimento de ciências que transgridem as fronteiras entre as ciências humanas e as ciências da natureza.⁷

Em 1978, no referido texto, Le Goff vislumbra, nesse hibridismo científico, a possibilidade de construção de novas formas de se fazer história e apontava que:

A via mais promissora talvez seja a que tende a baixar, senão derrubar as paredes entre as ciências humanas [...] e as ciências biológicas. O desejo de uma história nova de construir uma história do homem total, com seu corpo e sua fisiologia situados na duração social, a preocupação de alguns grandes biólogos com o fazer da história de sua ciência um instrumento de pesquisa de uma maneira não externa, mas interna, e ampliar suas pesquisas as dimensões da ecologia humana fazendo intervir a história, a geografia, a antropologia, a demografia, juntamente com a biologia propriamente dita, deixam entrever grandes perspectivas. O papel da história nova é determinante aí.⁸

Desta forma, é possível perceber que, dentro das perspectivas da História

⁴ DOSSE, François. *A História à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: Editora Unesp, 2001. p. 113.

⁵ *Ibid.*, p. 115.

⁶ *Ibid.*, p. 116.

⁷ LE GOFF, Jacques. *A história Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 30-31.

⁸ *Ibid.*, p. 67.

Nova, a possibilidade de uma História Ambiental ou Eco-História, já era apontada na terceira geração dos *Annales* e estava circunscrita como uma das possibilidades de se pensar a relação homem e natureza ou homem *versus* meio ambiente.

Grande parte dessa certeza de Jacques Le Goff vinha da experiência da Revista em dar respostas diante de crises que assolavam a sociedade. Sem dúvida, naquele momento, o nome de Emmanuel Le Roy Ladurie foi referência com maior propriedade para responder à crise dos recursos energéticos e ambientais que apontavam. Segundo Dosse, Le Roy Ladurie tinha se tornado o “ídolo das multidões de historiadores” tinha “o discurso mais representativo das tendências atuais”⁹, era um homem de seu tempo e vivia em sintonia com os acontecimentos contemporâneos.

Também coube a Le Roy ser o herdeiro da tradição braudeliana, para Peter Burke, era um historiador muito parecido com Braudel, “se assemelhava no poder imaginativo, na ampla curiosidade, na abordagem multidisciplinar, na preocupação com a longa duração e numa certa ambivalência em relação ao marxismo”.¹⁰

Sua notoriedade como historiador ambiental veio da edição dos *Annales*, em 1974. Na apresentação, mostra sua preocupação com temas: “crescimento

populacional”, “consumismo predador”, “poluição”, “rápido crescimento urbano”. etc. Convém lembrar que a edição foi um marco importante para os debates em torno das questões ambientais e era uma resposta “moral” às conclusões do Clube de Roma, publicadas no relatório *Os limites do crescimento*. Talvez a resposta mais contundente tenha vindo do texto de Ignacy Sachs, *Ambiente e estilos de desenvolvimento*, que demonstra essa preocupação com o presente ao propor o debate em torno dos modelos de desenvolvimento que circulavam naquele momento. Worster sugere, ou vê uma semelhança no propósito da Revista com a historiografia da fronteira norte-americana, de inspiração de Frederick Turner, mas reafirma que a temática aparecia em alguns números anteriores da Revista.

Se olharmos atentamente é possível perceber que a revista não foi oportunista em trazer a cena esse debate, havia tempo que Le Roy Ladurie demonstrava preocupação com a relação sociedade e natureza. Em 1959, escreveu para Revista o artigo *Histoire et Climat*, no qual propunha a possibilidade de se usar a história serial para se coletar dados do clima, da vegetação, das plantações e auferir o comportamento humano diante das intempéries. Em 1970, esboça sua posição sobre história ambiental no artigo *Por une histoire de l'environnement: la part Du climat*, i no qual, apesar da restrição do objeto ser o clima, reafirma sua aproximação da ideia de natureza com a relação humana, mas ainda não lança as bases mais profundas - ou pensa

⁹ DOSSE, 1992, p. 214-215.

¹⁰ BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Unesp, 1997. p. 75.

de forma mais sistemática - do conhecimento ecológico e de sua inserção no debate histórico.

Também é necessário salientar que a tradição dos *Annales* já havia abordado a questão homem natureza em outras situações e pressupostos teóricos. Worster ao delimitar os espaços acadêmicos da história ambiental, reivindicou um posto importante para a historiografia francesa e colocou Fernand Braudel como o precursor dessa história, pois este afirmava que ela ia além da sucessão de fatos e datas, era preciso olhar entre os vales, as montanhas e a costa, pois ali se estabeleciam dinâmicas muito próprias que constantemente impingiam ao homem uma relação intensa com a natureza.¹¹

A inspiração de Braudel para essa perspectiva parte de sua experiência com a obra de Vidal de La Blache, essa aproximação conferiu condições para o que se convencionou chamar de geo-história, que era baseada no princípio de uma ciência que:

[...] arbitra, determina, fundamenta o horizonte intransponível, não se deixa fechar no extrato da realidade humana, engloba tanto os fenômenos de ordem climática quanto os fatos culturais. A geo-história absorve tudo e permite a realização dessa história total que Fernand Braudel tanto defende. O mundo vegetal, esse espaço entre dois mundos, apreendido entre as condições pedológicas e o universo humano, é o terreno

ideal trabalhado por Fernand Braudel, que aí vê o próprio exemplo do “determinismo de civilização” [...].¹²

Assim, o uso da geografia lhe permitia “valorizar a longa duração, minorar o peso do homem como ator da história ao substituí-lo por um sujeito espacial”¹³ e também ampliava o escopo da análise da história e conferia ao mundo natural um posição de destaque na formação da sociedade.

É inegável que a relação homem e natureza sempre resvalou no modelo do *determinismo geográfico*, em especial o alemão, mas a proposta da geo-história francesa tem raízes no *possibilismo* e como tal ela observa a natureza “como obstáculo e serve de estímulo”¹⁴ ao desenvolvimento das sociedades e a “causalidade se encontra no plano das condições naturais, ele situa os limites dos quais o homem não pode se libertar”.¹⁵

Desta forma, o *Mediterrâneo* que se apresenta é uma obra de múltiplas temporalidades pondo em “questão uma história quase imóvel, a do homem em suas relações com o meio que o cerca”,¹⁶ a montanha e a planície são partes de um mundo só que se ligam pela transumância “dessa diferença entre as regiões sur-

¹¹ WORSTER, Donald. Para fazer a História Ambiental. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 4. n. 8, 1991, p. 198-215.

¹² DOSSE, *A história em migalhas: dos Annales à nova história*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1992, p. 136.

¹³ *Ibid.*, p. 137.

¹⁴ LIRA, Larissa Alves. Fernand Braudel e Vidal de La Blache: geohistória e história da geografia. *Confins* [online], n.2 p. 12. Consultado em 12/02/2011 <<http://confins.revues.org/2592>>

¹⁵ DOSSE, 1992, p. 137.

¹⁶ BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 13.

ge um conjunto de homens com necessidades diversas, montanhese e cidadãos, de acordo com a unidade do meio em que foram criados”.¹⁷

Em *Montaillou*, de Le Roy Ladurie, é possível ver as mesmas relações dicotômicas da planície e das montanhas, a relação do homem com a “fauna doméstica” e a “fauna selvagem”, o microcosmo da *domus* e o mundo natural. De um modo geral a obra sedimenta a tradição braudeliana das temporalidades e, busca no meio, subsídios para entender uma aldeia da Occitânia, no século XIII e XIV.¹⁸

De fato a contribuição dos *Annales* para o entendimento da relação homem e natureza é patente e tem muito a oferecer e o tratamento das fontes e a temporalidade são dois pontos cruciais nesse debate.

José Augusto Drummond, seguindo a tradição dos *Annales*, acredita na valorização e na diversificação das fontes para o desenvolvimento da história ambiental e acrescenta que são nas entrelinhas de sensos demográficos e econômicos, jornais, atas legislativas, leis, pareceres, crônicas, diários de viagens, cartografias e tanto outros documentos que podemos encontrar respostas para a ocupação, formas de utilização e degradação da natureza processada ao longo de séculos.¹⁹

¹⁷ LIRA, op. cit., p. 8.

¹⁸ LE ROY LADURIE, Emmanuel. *Montaillou*, povoado occitânico, 1294-1324. São Paulo: Cia das Letras, 1997. p. 378-379.

¹⁹ DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: temas, linhas e fontes de pesquisa. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 4. n. 8, 1991, p. 177-197.

Ainda é válido ressaltar que a abrangência da história ambiental em outras áreas do conhecimento também permite ao historiador aumentar seu leque de fontes, podendo tomar a própria natureza como objeto de análise, a fim de entender a composição de espécies de uma mata, as condições de um rio, a degradação de suas margens, a falta de peixes, entre tanto outros problemas que podem ser elementos para a ampliação e a qualificação da pesquisa.

No que tange as dimensões temporais propostas, Braudel argumenta que a longa duração se materializa nas *estruturas*, aqui entendidas como “uma organização, uma coerência, relações bastante fixas entre a realidade e as massas sociais”²⁰ e observa que muitas tornam-se partes estáveis da vida social por séculos, pois são incorporadas ao cotidiano.

Mas todas são ao mesmo tempo sustentáculos e obstáculos. Obstáculos, assinalam-se como limites (envolventes, no sentido matemático) dos quais os homens e suas experiências não podem libertar-se. Pensai na dificuldade em quebrar certos quadros geográficos, certas realidades biológicas, certos limites da produtividade [...]”²¹

São nessas estruturas que o homem se relaciona intimamente com o mundo natural e se “torna prisioneiro de climas, de vegetações, de populações animais, de culturas, de um equilíbrio lentamente

²⁰ BRAUDEL, 2005, p. 49.

²¹ *Ibid.*, p. 50.

construído”.²² Essa realidade permitiu à historiografia francesa olhar para as manifestações da natureza como fontes históricas e estabelecer conexões com a ação humana, possibilitando focar o homem como parte do mundo natural.

Porém, cabe salientar que o escopo de análise da história ambiental talvez tenha rejeitado esta história imóvel, lenta, de grandes estruturas, e se prendido ao mundo contemporâneo dos acontecimentos, ofertando pouco às relações mais profundas.

Embora a posição da História Nova tenha sido tímida diante da gravidade dos problemas e da negligência das gerações futuras da Revista com a temática ambiental, fica ainda uma importante lacuna sobre a tradição braudeliana de observação do meio ambiente e da relação com a natureza. Talvez seja necessária uma revisão de tal tradição, sem desprezar o possibilismo lablachiano, útil ao ofertar à intelectualidade francesa uma resposta ao determinismo geográfico.

A história ambiental nasceu por excelência híbrida e, conseqüentemente, disposta a dialogar e a buscar respostas com as outras ciências. No passado os *Annales* mostraram muita vitalidade ao efetuar tal procedimento para compor um *corpus* metodológico e teórico na construção de um novo campo da historiografia francesa, isso conferiu prestígio e legitimidade ao trabalho. Braudel, Le Roy Ladurie se tornaram ícones para historiadores de todo mundo, mas a in-

serção na história ambiental requeriria a ampliação do diálogo com outras ciências. Aparentemente as demandas ainda não eram tão grandes quanto se imaginava, talvez a iminência do mundo soviético as crises econômicas tenham soado mais alto aos intelectuais franceses e a possibilidade de ampliação do debate foi abortada.

Porém, é possível concluir que a história ambiental mesmo sendo parte do conhecimento científico ainda está fortemente marcada por um apelo moral, mas é importante ressaltar que o homem tem tentado sanar os problemas ambientais há quatro décadas e a história tem ofertado contribuições importantes para que se possa entender de que forma o desenvolvimento econômico tem colocado o homem e o mundo natural em relação de desequilíbrio.

Referências bibliográficas

BRAUDEL, F. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Unesp, 1997.

DOSSE, François. *A História à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

_____. *A história em migalhas: dos Annales à nova história*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1992.

²² Ibid.

DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: temas, linhas e fontes de pesquisa. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 4. n. 8, 1991, p. 177-197.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LE ROY LADURIE, Emmanuel. *Montaillou: povoado occitânico, 1294-1324*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

LIRA, Larissa Alves. Fernand Braudel e Vidal de La Blache: geohistória e história da geografia. *Confins* [online], n.2 p. 12. Acessado em 12/02/2011 <<http://confins.revues.org/2592>>

PADUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*. São Paulo: n. 24 (68), 2010, p. 81-101.

WORSTER, Donald. Para fazer a História Ambiental. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 4. n. 8, 1991, p. 198-215.